



## A SAÚDE BRASILEIRA NA FOLHA DE S.PAULO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CADERNO ESPECIAL 'Seminários folhaSAÚDE'

Izamara Bastos Machado<sup>1</sup>  
Fundação Oswaldo Cruz

### Resumo

O objetivo desta comunicação é analisar os sentidos construídos sobre os sistemas de saúde brasileiros em um dos jornais de referência de maior circulação no país: *Folha de S.Paulo*. A proposta é analisar como o SUS e como a saúde privada aparecem no jornal e quem são os atores sociais envolvidos que se posicionam e que dispõe de poder simbólico nessa concorrência discursiva. Em 29 de março de 2014, a *Folha de S.Paulo* publicou um caderno especial onde propôs apresentar as principais discussões que surgiram no Fórum, organizado pelo próprio jornal, intitulado: "A Saúde do Brasil". De acordo com o jornal, o ponto central do evento foi: "A medicina brasileira chegou ao limite da ineficiência causada pela desarticulação entre os sistemas público e privado de atendimento". Neste estudo procuramos identificar quais os dispositivos de enunciação utilizados pelo jornal *Folha de S. Paulo* para falar dos sistemas de saúde do Brasil e para, conseqüentemente, falar da saúde no país.

**Palavras-chave:** Saúde; Jornalismo; Discurso

### Abstract

This communication's objective is to analyze the meanings constructed on the Brazilian health systems in one of the largest circulation newspapers in the country: *Folha de S. Paulo*. The proposal is to analyze how SUS (single health system) and private health are shown in the newspaper and who are the social actors involved that have the symbolic power prevailing in this discursive competition. On March 29, 2014, *Folha de S. Paulo* published a special section in which was presented the main discussions emerged in the Forum, organized by the newspaper itself, entitled "The Health of Brazil." According to the newspaper, the focus of the event was: "The Brazilian medicine has reached the limit of inefficiency caused by the disconnection between the public and private system of care." In this study we sought to identify which enunciation devices were used by the newspaper *Folha de S. Paulo* to in its approach of health systems in Brazil and, therefore, of health in the country.

**Keywords:** Health; Journalism; Discourse.

---

<sup>1</sup> Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Jornalista, mestre em Comunicação e Cultura. Coordenadora executiva do Observatório Saúde na Mídia, do ICICT.

## 1.Introdução

Observamos nos últimos anos uma crescente presença dos temas relativos à saúde na mídia. Inquietação que se coloca no presente estudo especialmente quando se vê nos meios de comunicação um lugar fundamental para a construção de valores acerca de temas que circulam por eles e, conseqüentemente, que colaboram para a construção do imaginário da população, conforme os agendamentos e enquadramentos feitos pela mídia.

Entendemos que os meios de comunicação de massa cumprem hoje um papel essencial na formação do olhar que a população lança sobre o mundo e suas relações sociais. A mídia detém hoje, em nossa sociedade, a maior parcela de poder simbólico<sup>2</sup> – *o poder de fazer ver e fazer crer* (Bourdieu ,1989).

Considerando essa importante sinalização de Bourdieu, acrescentamos a ela que entendemos os meios de comunicação como lugares de embate e de interesses divergentes. Daí que consideramos que não são eles meros reprodutores de uma pura e dada realidade. Não são espaços neutros e tampouco livres de interesses particulares. Temos a clareza que a mídia deve ser vista como espaço articulado e coerente de disputa do poder, cuja expressão dos interesses do capital, vinculados na grande maioria das vezes a grupos econômicos, não representam e nem defendem igualmente os interesses da sociedade.

Também cabe aqui articular a lógica que no jornalismo brasileiro não é possível encontrar um pluralismo de ideias. Ao contrário, o que se tem é o compartilhamento de uma ideologia hegemônica das famílias que dominam o mercado nacional de comunicação, extremamente concentrado e caracterizado por um modelo oligopolista (horizontal e cruzado), que se acentuou com a privatização dos serviços de telecomunicações a partir da década de 1990 (LIMA, 2001, p.28).

Coloca-se aí uma outra questão a ser observada: a dimensão crítica do jornalismo, cuja função seria controlar e denunciar as mazelas sociais, políticas e

---

<sup>2</sup> Para Pierre Bourdieu (1989), o poder simbólico é exercido pelos agentes sociais, na esfera de campos sociais, determinados e específicos, tidos como conceito e não espaço físico. A posição que um agente ocupa no campo social é determinada pela quantidade de capital acumulado, sobretudo capital econômico e cultural, mas também político, social, artístico etc. Os agentes sociais jogam para impor/legitimar processos, na forma de lutas simbólicas. Deste modo, o poder simbólico significa a capacidade que alguns agentes sociais têm de convencer os demais agentes do seu campo quanto à legitimidade dos processos que eles conduzem.



econômicas. Essa parece ser já, uma das dimensões de embate no próprio *locus* jornalístico. O que deveria ser interesse comum entre jornalistas, sociedade e empresas jornalísticas, parece caminhar para destinos, por vezes, distintos ou quem sabe, entrecruzados.

De um lado, os conglomerados midiáticos com seus interesses particulares e, não exatamente do outro lado, mas em algum dos lados, ou até mesmo no centro, os jornalistas - que têm como ofício noticiar e informar à população, de uma maneira supostamente neutra, os acontecimentos. Entre os interesses jornalísticos e os interesses das empresas jornalísticas, por vezes, no meio, a sociedade.

Questões como estas permeiam, com frequência, as discussões entre jornalistas e profissionais da mídia de um modo geral, entre estudantes e pesquisadores da mídia e também entre os cidadãos – estes últimos, que cada vez mais colaboram nas produções midiáticas, vêm se afastando, aos poucos, da posição de meramente “receptores ou espectadores”.

Diante desses posicionamentos, como então noticiar seguindo os tais preceitos de neutralidade jornalística, se os profissionais da mídia estão, muitas das vezes, dentro de empresas jornalísticas nada imparciais? Terão, todos os temas tratados pela mídia, o mesmo peso para a sociedade? Serão todos os assuntos tratados pela mídia realmente de interesse do público? Até que ponto pode se considerar um tema de interesse público ou privado? Como avaliar que determinado tema mereça mais ou menos espaço na agenda midiática? O que determina a relevância de um tema na mídia?

Muitos autores têm se debruçado sobre essas questões e para cada uma delas possíveis considerações já podem ser encontradas. No entanto, o que nos inquieta e nos motiva nesse instante é analisar, pontualmente, uma dada cobertura midiática com relação a um evento específico sobre a saúde.

De um modo geral, no que diz respeito a cobertura midiática sobre os temas relativos à “Saúde”, temos observado uma crescente cobertura. Acreditamos que a saúde é um tema que vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões da sociedade como um todo e na mídia inclusive. Seja porque cada indivíduo espera estar “bem de saúde”, seja porque o cidadão também espera que os serviços e ações desse campo sejam eficientes:



*A sociedade de um modo geral espera que o setor saúde cuide das pessoas e das populações, mediante ações individuais e coletivas. Na medida em que a saúde tem sido reconhecida como completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença, o propósito almejado é que as pessoas possam ter uma vida com qualidade. (PAIM, 2009, p.11)*

Quando da proposição deste trabalho, consideramos que conceituar “Saúde” seja muito complexo. Em variados momentos da história da humanidade, diversos autores buscaram essa definição. No entanto, sabemos que sentidos são construídos por diferentes contextos e diferentes atores. Consideramos então que o conceito de “Saúde” esteja em constante transformação. Assim como a mídia, trata-se também de um campo de disputas, nos quais diferentes atores sociais possuem visões de mundo e práticas distintas.

Logo, o que nos coloca em estado de atenção, nesta ocasião, é o modo como os temas sobre “Saúde” estão sendo tratados e levados ao público. Que interesses podem estar sendo colocados em questão? Quem está sendo convocado para falar sobre “Saúde” na mídia? Em que contexto essas questões estão sendo debatidas? Como a “Saúde” está sendo tratada na mídia? Que tipo de recursos são utilizados para enunciar a “Saúde”? Em que contexto(s) a “Saúde” está sendo apresentada? No caso do Brasil, que além de possuir um sistema público de saúde (também conhecido como Sistema Único de Saúde ou SUS), e que também conta com os serviços de saúde privada, como é feita a apresentação desses sistemas à população, pela mídia? Há diferenças na apresentação entre o sistema público e o privado?

Diante dessas inquietações, destacamos que o objetivo desta comunicação é analisar os sentidos construídos sobre os sistemas de saúde brasileiros em um dos jornais de referência de maior circulação no país: *Folha de S.Paulo*. A proposta é analisar como o SUS e como a saúde privada aparecem no jornal e quem são os atores sociais envolvidos que se posicionam e que dispõem de poder simbólico nessa concorrência discursiva. Buscamos neste trabalho um olhar cuidadoso sobre um caderno especial, publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 29 de março de 2014 (um sábado), intitulado: "seminários folhaSAÚDE".

## 2. Escolhas

Por entendermos que os meios de comunicação interferem diretamente na construção e na transformação da realidade da população, além de influenciarem na percepção que cada indivíduo tem da realidade, nossos pressupostos são que os discursos midiáticos interferem na construção de uma imagem da “Saúde” (pública e/ou privada) e dos discursos que a avaliam. No entanto, também reconhecemos que não se trata de um processo homogêneo: há distinções entre os veículos de comunicação, contradições internas, resistências etc.

Escolhemos analisar o jornal impresso *Folha de S. Paulo* por se tratar de um dos jornais já monitorados pelo *Observatório Saúde na Mídia*<sup>3</sup>, concomitantemente por ter dedicado a produção de um caderno especial inteiro para discutir a “Saúde” em suas páginas e, também por se tratar de um dos jornais de referência de maior circulação no país (dados da Associação Nacional de Jornais/ANJ<sup>4</sup>). Cabe ainda ressaltar que trata-se de um jornal de grande relevância política e de capacidade de formação de opinião.

Assim como no *Observatório Saúde na Mídia*, utilizamos nesta comunicação os pressupostos da Análise Social de Discursos (Pinto, 1999 e Araújo, 2000), que correlaciona os textos com suas condições de produção e circulação, entendendo estas como condições sociais, econômicas, políticas, institucionais e situacionais. Trata-se, então, de propor aqui uma análise não apenas das marcas textuais da notícia – o que aparece de fato no jornal – mas levando em conta também o(s) contexto(s) de produção da notícia.

---

<sup>3</sup> Projeto localizado no Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces), do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o *Observatório* prevê o monitoramento diário de alguns periódicos impressos de grande circulação no país. Através de leitura desses jornais, seleção das matérias sobre o tema saúde e sua inclusão em um banco de dados é possível, posteriormente, produzir análises sobre o material coletado. O *Observatório* surgiu a partir do reconhecimento do lugar central que os meios de comunicação de massa ocupam nas sociedades contemporâneas, constituindo-se espaços privilegiados na formação do olhar que a população lança sobre o mundo e as relações sociais, bem como mediante à percepção da crescente importância da saúde como objeto de interesse midiático

<sup>4</sup> De acordo com a Associação Nacional de Jornais/ANJ, em 2013 o jornal *Folha de S. Paulo* ocupou a segunda posição no ranking (com uma média de circulação igual a: 294.811), dentre os maiores jornais do Brasil de circulação paga, por ano. Cabe destacar, que de acordo com a ANJ entre o ano de 2002 e 2009 a *Folha de S. Paulo* ocupou consecutivamente a primeira posição no ranking. Posição que se repetiu em 2012 também. Nos anos de 2010, 2011 e 2013, o jornal paulista perdeu a primeira posição para o jornal mineiro *Super Notícia*. Dados extraídos do site: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil> . Acesso em 21/10/2014.

Neste presente estudo procuramos identificar quais os dispositivos de enunciação utilizados pelo jornal *Folha de S. Paulo* para falar dos sistemas de saúde do Brasil e para, conseqüentemente falar da “Saúde” do país. Procuramos mapear como esses sistemas são adjetivados pelo jornal. Também buscamos identificar quais as vozes que foram convocadas para se manifestarem no evento promovido pelo jornal e, por fim, mapear quais atores sociais foram convocados para ilustrarem os textos publicados, levando em conta o contexto desta produção e circulação.

### **3. A análise:**

#### **3.1. A CAPA do jornal**

Na edição de 29 de março de 2014, do jornal *Folha de S. Paulo*, nos chamou a atenção o destaque dado ao caderno especial "seminários folhaSAÚDE". Na ocasião, o jornal destaca no alto de sua primeira página (capa) informações sobre o caderno que fora publicado dentro da edição deste dia.

A forma como se dá essa enunciação já nos revela a importância dada pelo veículo ao caderno. Ocupar um espaço privilegiado como a primeira página de um jornal não é oportunidade simplória para nenhuma notícia, tendo em vista que a primeira página de um jornal impresso é como uma vitrine que vem a convidar seus leitores a adentrarem pela publicação.

A primeira página de um jornal pode dizer muito a respeito do veículo. Pode inclusive informar sobre seus objetivos, seus pressupostos e sobre a maneira como o jornal se posiciona social, cultural e politicamente. Nas capas também reflete-se as escolhas feitas pelos editores sobre quais temas consideram mais relevantes naquela data.

*Capas são intertextuais e conjugam textos escritos, fotos e legendas, ilustrações, infográficos e anúncios publicitários. Têm como objetivo estimular os leitores a abrir e ler o jornal. Nos jornais de elite ou prestígio, a área que fica logo abaixo do nome do veículo de comunicação é reservada à manchete, o título que remete à notícia mais importante do dia, segundo o jornal. Outros títulos se distribuem pela capa e, juntamente com chapéus e vinhetas, são usados como elementos de atração e, muitas vezes, de breve contextualização de fatos, feitos, informações. O tamanho das fontes, o número de linhas e colunas ocupadas e o tamanho dos textos das chamadas variam de acordo com a importância relativa atribuída a cada matéria*

*jornalística, com o jornal e o contexto sociocultural em que se insere.*  
(MEDEIROS; RAMALHO; MASSARANI; 2010: 439)

Para chamar a atenção do leitor para o caderno especial sobre o evento que realizou para debater a “Saúde” brasileira, a *Folha de S.Paulo* colocou em sua primeira página alguns dos títulos das matérias que se encontram dentro do caderno em questão. Foram as seguintes chamadas: ***“Medicina Brasileira chegou ao limite da ineficiência, aponta fórum promovido pela Folha”***; ***“Datafolha: Saúde é o maior problema do país para 45% dos brasileiros”***; ***“Pesquisa: Excesso de burocracia exclui o Brasil de estudos clínicos”***. E por fim, com o auxílio de um gráfico (na lateral), apresentou: ***“A SAÚDE DO PAÍS – Avaliação do Brasileiro: 6% ótima; 32% regular; 62% Ruim/Péssima”***.



Cabe também destacar que como plano de fundo há uma ilustração representando um exame médico de imagem, o que tende a convocar o leitor a se aproximar ainda mais da temática saúde.

Observemos que na mesma edição tantos outros assuntos disputam espaço na "arena discursiva" que é a primeira página do jornal (há chamadas para textos que estão localizados nas diversas editorias do jornal: Ciência, Mundo, Poder, Opinião/Editoriais, Mercado, Cotidiano, Colunas etc, além de anúncio publicitário). No entanto, é a chamada para o caderno especial sobre “Saúde”, que ganha destaque no espaço nobre na primeira página desta edição.

Importante mencionar que este caderno em questão é apresentado como resultado de um fórum intitulado "A Saúde do Brasil", organizado pela *Folha de S. Paulo* e realizado nos dias 26 e 27 de março, em São Paulo e, que segundo o jornal, contou com a presença de "três centenas de participantes".

Ainda na primeira página, na própria manchete, convida-se o leitor ao caderno especial e oferece-se um "plus": ***"Na internet veja vídeos do fórum: folha.com/saudedobrasil"***, ou seja, é de conhecimento da *Folha* que seu público leitor tenha acesso à internet e, portanto, a mesma se propõe a oferecer mais conteúdo sobre o



evento diretamente no site da *Folha*. O que dá ao jornal a possibilidade de mostrar imagens que reforcem a veracidade do que está publicado em suas páginas, comprovando com imagens o que aconteceu no evento/fórum.

### 3.2 Caderno Especial: "semináriosfolhaSAÚDE"

O caderno de 14 páginas é composto por diversos textos jornalísticos. Contabilizamos 04 textos com características de notícias e 09 textos com características de reportagens<sup>5</sup>; além de 07 publicidades (todas sobre produtos/serviços da área da “Saúde”). Dentre essas 07 publicidades, vale destacar que 03 delas ocuparam páginas inteiras do jornal.

### 3.3. A Capa do Caderno



A capa do caderno "Seminários folhaSAÚDE" usa o recurso visual para dar destaque a sua apresentação. Ocupando quase 80% do espaço gráfico da página, uma grande imagem (a mesma utilizada na capa do jornal) reproduz um exame de imagem em um paciente, com a seguinte legenda no canto direito: "Paciente em tratamento de radioterapia no Hospital A.C. Camargo, em São Paulo".<sup>6</sup>

Sobre essa imagem foram impressas quatro chamadas (títulos) informando ao leitor sobre temas que ele poderá encontrar dentro do caderno:

<sup>5</sup> No *Observatório Saúde na Mídia* adotamos às seguintes definições: **Reportagem**: Texto descritivo, mais apurado e amplo, acompanhado de documentação e testemunhos de diferentes fontes que aborda, como tema central ou periférico, os temas específicos da saúde adaptado de Rabaça & Barbosa, 1978). **Notícia/ Registro**: Relato direto de um ou mais acontecimentos, normalmente associados a assuntos recentes (atualidades), freqüentemente a partir das respostas do lead – o quê, quem, onde, como, quando e por quê – e da lógica da pirâmide invertida (do mais ao menos importante/interessante).

<sup>6</sup> O A.C. Camargo é uma instituição privada sem fins lucrativos conveniada ao SUS por meio de serviço contratualizado e regulado pela Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo. "No A.C. Camargo o paciente encontra a expertise e a integração da equipe de médicos e profissionais que formam o corpo clínico, além de ter à disposição o que há de mais avançado em diagnóstico por Imagem e Molecular e uma infra-estrutura de ponta em todo o ciclo de tratamento, seja com Radioterapia, Quimioterapia, Cirurgias ou Terapias complementares". Dados extraídos do site: <http://www.accamargo.org.br>. Acesso em 21/10/2014.



**1- “Verbas:** *SUS atende 73% dos brasileiros, mas despesa pública representa só 46% do gasto com saúde”*

**2- “Pesquisas:** *Aprovação de testes clínicos no Brasil demora de seis a nove meses e só é mais rápida que na China”*

**3- “Planos:** *Datafolha indica que atendimento de serviços privados também sofre com aumento da procura”*

**4- “Serviços:** *Mais Médicos absorve demanda por consultas, mas evidencia outros gargalos no atendimento”*

Uma breve análise nos mostra o uso da conjunção adversativa “mas” na primeira e na quarta chamada, em que demonstram a tentativa de alertar para um dado ruim/negativo sobre o SUS:

- Na primeira chamada (*Verbas*): o sentido ofertado é que mesmo que o SUS atenda 73% dos brasileiros a despesa pública representa "só" 46% do gasto com a saúde - tendo em vista que a maior parte de investimentos (54%), de acordo com o jornal, é feita pelas famílias e pelas empresas - não pelo Estado. Chama-se aí a atenção para a falta de investimento do Estado;

- Na quarta chamada (*Serviços*): o sentido ofertado é que apesar do programa "Mais Médicos" estar absorvendo a demandas por consultas, ele também está evidenciando outros problemas, que o jornal denomina "gargalos", que seriam no atendimento do SUS. Exalta-se aí que o programa do Governo Federal não resolve os problemas do SUS.

Já na segunda e na terceira chamada da capa do caderno, o uso das expressões “e só” e “também” colaboram nas orações com a possibilidade de entendimento de um papel do Estado igualmente ruim.

- No caso da segunda chamada (*Pesquisas*): o que se informa é que a morosidade dos processos no Brasil atrapalham o desenvolvimento da “saúde” do País. Para ilustrar a situação faz um comparativo e alerta que o Brasil apenas perde, no quesito lentidão, para China - pressupondo, inclusive, que seu leitor conheça a velocidade da aprovação de testes clínicos na China.

- Na terceira chamada (*Planos*): que diz respeito aos planos de saúde privados, alerta, através da voz autorizada e legitimada do Datafolha - conhecido órgão de

Pesquisa no Brasil - que o atendimento de serviços privados "também" - afirmando que o SUS vive a mesma realidade - sofre com aumento da procura. O que o jornal ainda não antecipa aqui, mas fará ao desenvolver o texto jornalístico mais à frente, é informar que a culpa desse "sofrimento dos planos privados" é da ineficiência do SUS nos atendimentos.

Bom, numa rápida avaliação, pode-se notar que todas as chamadas buscam evidenciar um serviço público que tem muitos problemas e que o país precisa melhorar muito nas questões que envolvem a “saúde” brasileira. Para contrapor um serviço público ineficiente, usa-se a imagem de um exame sendo realizado não na rede pública - mas sim num hospital privado - que é considerado referência no tratamento oncológico.

Ainda sobre a capa do caderno, vale uma observação quanto ao título que inaugura o texto de apresentação: “MAIS MEDICINA”. Faz-se uma analogia ao programa *Mais Médicos* do Governo Federal e, dialogando com esse título, o texto que segue procura sinalizar que uma das conclusões do Seminário, realizado pela *Folha de S.Paulo*, é que "o Brasil precisa é de mais Medicina, medicina melhor e não apenas de *Mais Médico*". O que reforça aí o sentido ofertado pelo jornal de crítica ao programa *Mais Médicos*. E segue dizendo (abaixo trechos extraídos do texto de apresentação do caderno):

A medicina brasileira chegou ao limite da ineficiência causada pela desarticulação entre os sistemas público e privado de atendimento. Este foi o ponto central do Fórum a Saúde do Brasil, seminário realizado pela **Folha** na quarta-feira e anteontem, em São Paulo, com três centenas de participantes.

A Constituição de 1988 dotou o país de um serviço “único” e gratuito, o SUS, que permaneceu porém cronicamente subfinanciado. Dos gastos totais com saúde, a maior parte (54%) é efetuada por famílias e empresas, não pelo Estado —uma anomalia em países com essa modalidade de sistema universal.

Algumas palavras e expressões utilizadas nos trechos acima (extraídos da capa do caderno), tais como: "limite da ineficiência", "desarticulação", "cronicamente subfinanciado" e "anomalia" revelam um cenário nada promissor para a ‘saúde’ brasileira, mais grave ainda indica ser a situação para o SUS.

É interessante destacar que estamos em ano de eleição majoritária no Brasil, e que a noção de contexto deve ser ressaltada no que diz respeito à produção, circulação e

apropriação desses sentidos produzidos pela mídia. Como poderá o leitor se distanciar de todas essas críticas ao setor público e à gestão pública da saúde ao avaliar os governantes? Como acreditar que a saúde brasileira pode melhorar em seus diversos aspectos diante desse cenário apresentado? Estará o jornalismo única e exclusivamente cumprindo seu papel de denúncia e proteção à sociedade?

Também cabe um registro com relação ao principal público leitor do jornal a *Folha de S.Paulo*: não se tratam dos principais usuários do SUS, isto é, não são, geralmente, os pacientes que procuram os serviços e atendimentos do SUS para suas questões de saúde. De um modo geral, o público leitor da *Folha* são os principais usuários dos serviços da saúde privada brasileira. Usuário que está "acostumado" a ver estampado nas páginas de jornais críticas constantes aos serviços públicos do país.

Outro momento, ainda na capa do caderno, que nos leva a perceber uma crítica voraz ao sistema público de saúde brasileiro são as constatações apresentadas pelo jornal, e que o próprio jornal sinaliza que foram conclusões que aparecerem durante a realização do Fórum a Saúde do Brasil. Avaliações que fazem críticas diretas à gestão pública:

Falta de profissionais é a maior deficiência apontada pelo Datafolha. O governo Dilma Rousseff improvisou o programa Mais Médicos, que pode ultrapassar 13 mil contratações em abril, e já colhe dividendos políticos: 67% se declaram favoráveis à presença de estrangeiros no serviço. O programa continua controverso, como ficou evidente no debate mais acalorado do Fórum a Saúde do Brasil.

*(trecho extraído do texto de apresentação do caderno)*

Ainda de acordo com jornal, a pesquisa realizada pelo Datafolha, contratada pela Interfarma (Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa - uma das anunciantes deste caderno e que se auto denomina incentivadora do evento organizado pela *Folha*), revelou que "62% dos entrevistados avaliam a saúde como ruim ou péssima" e também apresentou como resultado: "na opinião de 45% dos consultados, a saúde aparece isolada como o principal problema do país - mais que todos os outros itens somados".

Lembrando que por se tratar de um ano de eleições, esse tipo de resultado pode oferecer sentidos importantes aos eleitores e, conseqüentemente, gerar posteriormente,

resultados nas urnas que dialoguem com esse tipo de avaliação que a pesquisa e o jornal oferecem.

Para finalizar o texto de apresentação deste caderno, o jornal apresenta além de marcas enunciativas que indicam críticas à gestão da Presidência da República (Dilma Roussef - candidata à reeleição), discorre também sobre uma saúde ineficiente e sem uma boa coordenação:

Houve consenso de que falta coordenação entre os vários serviços e sobram entraves à pesquisa e à inovação tecnológica. O país precisa de mais medicina, medicina melhor, e não só de mais médicos.

*(trecho extraído do texto de apresentação do caderno)*

### **3.4. Conteúdo interno do Caderno**

#### **3.4.1. Publicidade**

No que diz respeito à publicidade encontrada, com exceção de uma (do Governo do Estado de São Paulo, que referia-se à investimento do governo do Estado às Santas Casas e aos Hospitais Filantrópicos), todas as demais publicidades diziam respeito à questões de saúde da iniciativa privada (uma inclusive, da Associação da Indústria Farmacêutica - Interfarma - destaca que é uma das entusiastas e apoiadoras na realização do Fórum A Saúde do Brasil e reforça sua opinião e reconhecimento quanto aos problemas que a “saúde” do Brasil enfrenta).

A proposta desta comunicação não é fazer nenhuma análise aprofundada nem um estudo sobre a publicidade, mas o cenário encontrado, neste caderno específico, nos aponta algumas importantes questões:

- Uma diz respeito ao reconhecimento da importância da publicidade para a sobrevivência dos jornais impressos no Brasil: desde que os jornais impressos se reconheceram como empresas jornalísticas a publicidade é fonte importante de financiamento dos jornais;

- Discurso publicitário: promovido por instâncias do setor privado, propondo a solução para os problemas da saúde brasileira, comprime os debates acerca dos benefícios que um sistema público de saúde possa vir a ter. Há um nítido investimento da saúde privada na propagação do sentido de “uma saúde melhor que a pública”. A concorrência discursiva que se imprime - entre textos jornalísticos e textos publicitários

- apresenta uma arena de enfrentamentos que conduz o leitor a considerar que o que realmente funciona no Brasil é a saúde privada;

- E por fim, porém não menos importante, há nesta edição analisada, um maior investimento na publicidade dos setores privados da saúde em comparação com a publicidade oriunda do serviço público;

Como mencionado anteriormente, este estudo não se propõem a um profundo investimento na temática publicidade, sendo assim, apenas para efeito de ilustração, reproduziremos a seguir algumas das publicidades encontradas no caderno em análise (ocuparam respectivamente as páginas: 3, 5, 11, 13):



Devemos ficar atentos para o fato de que além de diversas páginas serem ocupadas exclusivamente com publicidades, nas páginas em que anúncios dividem espaço com os textos jornalísticos, eles disputam nitidamente na construção do imaginário social acerca da saúde pública e da saúde privada. De um modo geral, para se tratar de um tema, num texto jornalístico, que envolva um sentido sobre ações e políticas públicas - que o jornal retrata como não eficientes - a publicidade que disputa espaço, apresenta um produto ou um serviço da saúde privada que propõem ser a solução para as questões de “saúde” apresentadas.

Se a linguagem é um ambiente de disputa, a língua é o grande espaço dos embates de sentido, o lugar onde os agentes sociais concorrem pelo poder de nomear e classificar o mundo, as pessoas e as coisas (BAKHTIN, 1986; BOURDIEU, 1989). Em outras palavras, concorrem então pelo poder simbólico (BOURDIEU, 1989). A linguagem não se dissocia, pois, das relações de poder.

Ao analisarmos as páginas do jornal é possível notar uma diversidade de sentidos circulando e, como reconhecemos nos discursos espaços de construções de

sentidos, cabe destacarmos que o contexto em que esses discursos são apresentados pode nos fornecer elementos interessantes na compreensão dos discursos sobre a “saúde” na mídia.

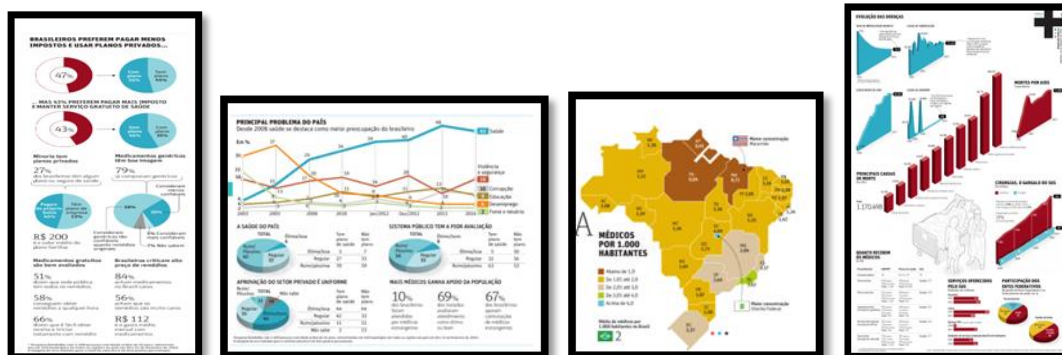
### 3.4.2. Recursos gráficos utilizados

Duas formas de apresentar as matérias no interior do caderno nos chamaram a atenção: uma diz respeito ao recorrente uso de gráficos, tabelas e ilustrações e a outra se refere à estratégia adotada pelo jornal para dispor graficamente os títulos dos textos jornalísticos.

#### A) Uso recorrente de gráficos, tabelas e ilustrações para justificar a dicotomia da saúde:

- **Constante uso de gráficos** – como estratégia discursiva para reforçar o lugar de autoridade do discurso jornalístico fundamentado em referências das ciências exatas;
- **Números na e da Saúde:** “Saúde” apresentada do ponto de vista da Economia, da Matemática e da Estatística;
- **Mapas:** dados demográficos dispendo informações sobre a “saúde” no Brasil;
- **Fontes dos gráficos/tabelas/mapas - autoridades reconhecidas na “Saúde”:** OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde; OMS: Organização Mundial da Saúde; Banco Mundial; Ministério da Saúde; Conselho Federal de Medicina; Cadastro Nacional de Estabelecimento de Saúde; Associação Paulista de Medicina; etc.

Seguem, abaixo, alguns exemplos publicados no jornal na edição analisada:



Essa estratégia de utilizar os dados numéricos, aqueles que são oriundos das ciências exatas, parece ser uma importante medida adotada pelos jornais, de maneira



geral, de modo a não deixar dúvidas sobre o que se está dizendo. Os percentuais, os gráficos, as tabelas etc, parecem reforçar através dos numerais a "mais pura e incontestável" realidade que se discorre nos textos.

Para além da realidade que se apresenta através do uso desses recursos gráficos, cabe uma importante observação: junto a todos esses dados numéricos são apresentadas suas origens e todas as fontes são reconhecidas - publicamente - como fontes com credibilidade e legitimidade para falarem sobre os temas propostos.

**B) Sobre os títulos:** o jornal adotou como estratégia dar destaque a algumas palavras ou expressões utilizando fontes diferenciadas em relação as demais palavras do título. Isso, naturalmente, coloca em evidência e chama ainda mais a atenção do leitor. Ressaltamos:

- Importância dos Títulos** – para o direcionamento do olhar do leitor;
- Predominância do tema “**saúde**” **pública** – quando analisados os textos;
- Sistema Público** identificado (nos textos) como: **escassez, gargalo, falta do organização, paliativo midiático, judicialização ...**

Para ilustrar, trazemos a seguir alguns exemplos extraídos do próprio jornal:

Grid of newspaper headlines illustrating typographic emphasis:

- MAIS MÉDICOS EXPÕE OUTRO GARGALO NO ATENDIMENTO**
- SAÚDE SOFRE ESCASSEZ CRÔNICA DE RECURSOS**
- POPULAÇÃO IDOSA VAI TRIPLICAR NOS PRÓXIMOS 20 ANOS**
- RADIOGRAFIA DA SAÚDE**
- OPINIÃO PROGRAMA É PALIATIVO MIDIÁTICO DO GOVERNO**
- PAÍS MARCA PASSO NA PESQUISA CLÍNICA**
- SAÚDE É VÍTIMA DE FALTA DE ORGANIZAÇÃO**
- Programa em São Paulo leva cuidador à casa do idoso  
Ação prevê ajuda para as atividades diárias
- Cubano vira celebridade na periferia do Recife  
Arnais Albriza atende até 30 pacientes por dia
- JUDICIALIZAÇÃO FAZ DESIGUALDADE NA SAÚDE AVANÇAR**
- Hospitais testam novo modelo para remuneração  
Ideia é pacote fechado para conjunto de procedimentos

Esses exemplos, acima citados, não foram todos os títulos encontrados, apenas alguns deles. Chamamos atenção para a estratégia gráfica utilizada pelo jornal: seja pela

diferença do tipo de fonte, seja pela diferença na cor da fonte, reconhecemos que alguns destaques dados revelam uma preocupação com os dispositivos de enunciação. Dispositivos esses que revelam sentidos distintos aos leitores e convidam os mesmos a reflexões acerca dos temas propostos - já com uma possível indicação sobre o teor do conteúdo que será apresentado no interior dos textos.

#### 4. Considerações Finais

Consideramos que o material analisado permitiu algumas inferências. Dentre elas, destacamos algumas: **“Saúde” como tema que mobilizou um espaço nobre do jornal** – inclusive tendo um evento organizado por uma empresa jornalística e repercutindo num caderno especial do jornal; **“Saúde” como mercadoria**, não como direito (indicando um crescente **consumo da saúde**); A **“Saúde”** é apresentada como **vítima** da falta de organização do governo; Há uma **diversidade de vozes da “saúde”** convocadas, mas uma **predominância de vozes da iniciativa privada (exemplos: Ministro da Saúde; Secretário Estadual da Saúde de São Paulo, Presidente da Abramge (Associação Brasileira de Medicina de Grupo); Diretor Executivo do Instituto de Ortopedia do HC; Presidente Executivo da Interfarma (Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa); Superintendente do Hospital Sírio-Libanês; Presidente do Hospital Israelita Albert Einstein; Professor titular de Urologia da USP; Presidente do Conselho Superior do Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação; Professora da Faculdade de Medicina da USP; Diretor Presidente da ANVISA; Presidente da Unimed do Brasil; Diretor Geral do Datafolha, Secretário de Gestão do Trabalho do Ministério da Saúde, Presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Farmacêutica; Secretário Geral da Sociedade Brasileira de Psicanálise de S.Paulo; Coordenador do Programa de Esquizofrenia da Unifesp; médico colunista da Folha SP.**

Também foi possível notar que existe um “jogo” de visibilidade e invisibilidade na construção das notícias no uso da nomenclatura SUS. O nome **“SUS”** aparece com mais frequência nas matérias que falam de **“um SUS que não funciona”**, que nas matérias que falam da eficiência do sistema. Quando o texto é para falar de alguma iniciativa no SUS que apresente resultados positivos, a nomeação **“SUS”** é praticamente invisível.



Outra importante observação tem a ver com os créditos dados aos governos locais (municipal ou estadual) e ao governo federal. Quando o “SUS” é considerado eficiente: há uma tendência a atribuir ao governo local. Quando tende a apresentar um “SUS ineficiente” tende a ser apresentado como uma Política Nacional cuja responsabilidade é dada Governo Federal. Daí uma Recorrente desqualificação do Estado; uma recorrente apresentação de um Sistema Público de Saúde ineficiente e um sistema privado que parece ser a solução para os problemas de saúde do país; a apresentação de um Estado como pequeno investidor de um sistema que deveria “ser mantido” por ele; uma crítica à administração dos recursos do SUS pelo governo e ainda a indicação de setor privado que gasta mais que o governo (plano de saúde como desejo da nova classe média);

Por fim, observamos também na cobertura jornalística a “saúde” sendo tratada, muitas vezes, como apenas ausência de doença ou uma simples oposição à doença. Distanciando-se da tentativa de alguns estudiosos do campo da “saúde” de trabalhar com um conceito mais ampliado da “saúde”.

Por acreditarmos que a visibilidade ou invisibilidade de um tema na mídia colabora enormemente para que possamos ter a capacidade de construir um sentido sobre um assunto, entendemos que os sentidos produzidos pela mídia, refletem não só em quem utiliza diretamente os sistemas de saúde - seja o SUS, seja o plano de saúde privado - mas inclusive, colabora para uma capacidade de avaliação não apenas dos sistemas de saúde, mas também das atuais políticas de governos.

Entendemos que essas sejam apenas uma das possibilidades de se analisar a cobertura midiática. Por isso, as observações que fazemos neste trabalho simplesmente sugerem tendências da cobertura da mídia.

## **5. Referências Bibliográficas**

- ARAÚJO, I. S. & CARDOSO, J. M. *Comunicação e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007. (Col. Temas em Saúde)
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8.ed.Trad.Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.Lisboa: Difel, 1989.



- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Angela S. M. Corrêa. 1.ed., 1ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2007.
- CRESTANI, Luciana Maria. *A Participação do leitor como co-enunciador em jornais impressos e on-line: abordagem à luz da enunciação. Vivências. Vol.6, N.9: p.35-43, Maio/2010, Disponível em [http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero\\_009/artigos/artigos\\_vivencias\\_09/n\\_9\\_3.pdf](http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_009/artigos/artigos_vivencias_09/n_9_3.pdf) [Consultado em 30/10/2014]*
- LIMA, V.A. de. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- MALINVERNI, Claudia. *Epidemia Midiática: um Estudo sobre a Construção de Sentidos na Cobertura da Folha de S.Paulo sobre a Febre Amarela, no Verão 2007-2008*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação EM Saúde Pública, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- MEDEIROS, Flavia Natércia da Silva; RAMALHO, Marina; MASSARANI, Luisa. *A ciência na primeira página: análise das capas de três jornais brasileiros*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.17, n.2, abr.-jun. 2010, p.439-454.
- PAIM, J. S. *O que é o SUS*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. (Col. Temas em Saúde)
- PINTO, M. J. *Comunicação e Discurso*. São Paulo: Hacker, 1999.
- WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1995.